Antonin Artaud, réalité et poésie

GILBERTO G. GOBBATO

Resenha do livro de Pierre Bruno: *Antonin Artaud, réalité et poésie.* Paris: L'Harmattan, 1999.

PIERRE BRUNO, DIANTE DA OBRA DE ARTAUD, renuncia à escolha de um modo qualquer de leitura e opta pela questão: que leitor ser? O autor de *Antonin Artaud, réalité et poésie* se alinha à definição de leitor em Artaud: "Todo aquele que toma nota de que o que diz Artaud é sua realidade". Consentir a ser esse leitor é determinante na constituição do livro, visto que Pierre Bruno deixa a realidade de Artaud transpirar. O próprio Artaud se mostra, mostra o material do qual ele se constitui. Bruno disponibiliza o lugar no qual Artaud revela sua certeza de não ter sido gerado por Pai-Mãe, mostrando, por meio da função poética que perpassa sua escrita, suas tentativas em se dar um nome próprio e construir um corpo. Bruno, leitor de Artaud, navega os meandros do denso e apaixonante arcabouço significante da obra de maneira que a estrutura se mostra por si mesma.

A literatura de Artaud apresenta-se como verdadeiro canteiro de obras, o mesmo que fornece arquitetura ao livro de Bruno: O teatro, As cartas, Os cadernos, e A poesia. Na verdade, todo esse canteiro de obras se especifica como resposta à "fuga incessante do pensamento", à sua existência como um eu que seja Artaud e não um outro, a certeza da impostura paterna na geração, à construção de um corpo. No desejo de reconhecimento literário de seus poemas implica-se o reconhecimento da existência de seu espírito como ser, "espírito de sacrifício", como ele se define, isto é, um ser excluído da castração. Guardando o princípio da constatação, sem interpretações nem hipóteses, proponho um passeio por esse canteiro de obras de Artaud na obra de Bruno.

1. *O teatro.* Como função poética, o teatro é uma resposta à fuga incessante e radical do pensamento. O pensamento foge em conseqüência de sua "descorporização", pois a alma não consegue se unir a nenhum objeto, portanto Artaud não está no mundo. Artaud, com base no princípio de "fazer existir

literariamente seu espírito", subverte os fundamentos do teatro para "destruir as aparências e chegar até ao espírito". Para tanto, o teatro necessita de uma linguagem própria, na qual se priorize o gesto à fala, pois a palavra é a responsável pela fuga do pensamento. O teatro é o instrumento de criação de uma linguagem anterior à linguagem pela fala, o que equivale a encontrar a fala anterior às palavras, em que se atinge o sentido sem passar pela significação.

2. *As cartas, a letra.* A paixão pelo nome próprio, paixão pela amada. Artaud encontra na escrita o veículo para realizar sua experiência de vida, tentando assegurar-se da existência de um eu que seja ele e não um outro invasor, um duplo dele mesmo, uma alteridade desconhecida. A busca do seu ser no mundo ocorre por meio da função da letra, que consiste na escrita e na mulher amada. É na união com a mulher amada que Artaud tenta alcançar seu ser por meio da obtenção de um nome próprio, em nome da mulher. A mulher como única capaz de compreender, para além da linguagem, o sinal de sua escrita. A união com a amada fracassa, transtorno e mutação em Artaud, que ainda espera pelo nome que dê a forma de seu ser na linguagem. Em agosto de 1939, Antonin Artaud é morto por Deus, que dá a seu corpo uma nova alma, um nome próprio: Nalpas (patronímico materno). Desde 1941 Antonin assina Nalpas. As soluções para encontrar seu ser do lado da mulher, seja pela união com a amada, seja pelo patronímico materno, expiram. Em 1943, nova mutação, Antonin se reconcilia com o patronímico paterno, decide voltar a escrever e inventa a glossolalia. Entretanto seu corpo resta a ser construído, pois as cartas não conseguem dar conta de sua empreitada.

3. *Os cadernos.* Nem cartas, nem poesia, anotações em mais de quatro mil páginas, que sustentam o unívoco de sua realidade. Trata-se aqui de uma nova exigência que procura um saber sobre "O em – gaiola do ser", entretanto o saber fracassa, é desse fracasso indefinido que Artaud se constitui. Os cadernos, banhados pelo delírio, tentam fundar sua realidade e encontrar uma resposta à fuga do pensamento. Os cadernos são o próprio fracasso de sua geração e testemunham a irredutibilidade de Artaud concernente à sua certeza de que "a doutrina da geração pelo pai é uma impostura". Admitir a geração pelo pai como origem significa admitir sua inexistência anterior, tarefa impossível para quem se diz "inato absoluto". Se o pai pelo princípio da geração determina o ser, então Artaud decide refugiar seu ser no "não-ser": Entre o inato e o gerado, lugar da subtração fundamental da função paterna. Do lugar de "não-

ser" Artaud tenta construir seu corpo em um eu, sem recorrer nem ao pai nem à sexualidade. A reconstrução de um corpo deve ter como substrato o corpo encarnado por Artaud, contudo ele só pode atuar nesse corpo com a condição de se tornar mulher – empuxo à mulher. Ainda assim, nem a rejeição da geração paterna nem o empuxo à mulher são suficientes para a produção de um corpo. O fracasso dos cadernos em sustentar uma resposta prepara e culmina com o renascer da poesia em 1946.

4. *A poesia.* Artaud situa a poesia no interstício do "não-ser", entre o abismo do presente e o nunca aí do futuro, lugar da alquimia do eu com a obra. O substrato desse trabalho será realizado pela glossolalia, seqüência de sílabas sem significação, linguagem própria a Artaud, podendo por isso ser considerada uma linguagem fundamental. A glossolalia radicaliza na produção de uma existência menos a representação verbal, isto é, uma existência pura. Trata-se de uma operação na borda da linguagem, em que a língua é levada ao limite extremo de sua capacidade de significar, lugar em que vale menos o som que a letra. Enxugar, consumir a linguagem ao máximo, visto que ela é insuficiente para fazer um corpo. A glossolalia a partir da língua faz poesia, cria linguagem, articula o corpo do poema ao corpo do poeta, este só advém como poema. Artaud encontra na poesia um pedaço de corpo para seu espírito, em que a fala do poeta, como linguagem que transforma a língua, vem no lugar de Artaud.

O convite está feito para todo aquele que quiser ser um leitor.